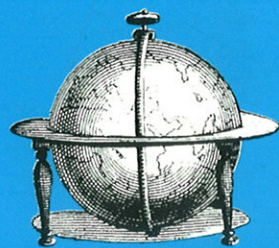


VIAGEM

# LITERATURA DE VIAGEM

*narrativa, história, mito*



*organização de*

ANA MARGARIDA FALCÃO  
MARIA TERESA NASCIMENTO  
MARIA LUÍSA LEAL

COSMOS



E D I Ç Õ E S  
C O S M O S

869.0.09

Lit

ex 2

74507 kole

Ana Margarida Falcão  
Maria Teresa Nascimento  
Maria Luísa Leal  
(organização)

# Literatura de Viagem

Narrativa, história, mito

UNIVERSIDADE DA MADEIRA  
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

*Edições Cosmos*

Lisboa, 1997

*Edição patrocinada pela Secretaria Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira e Fundação Calouste Gulbenkian.*

*Apoios da Universidade da Madeira, Instituto Camões e Fundação Oriente.*

Este livro reúne as conferências proferidas no Colóquio sobre Literatura de Viagem realizado na Universidade da Madeira de 11 a 14 de Julho de 1995.

© 1997, Edições Cosmos

Composição: Edições Cosmos  
Impressão: Inova (Porto)

1.ª edição: Dezembro de 1997

ISBN 972-762-077-9  
Depósito legal 119066/97

Edições Cosmos  
Av. Júlio Dinis, 6-C, 4.º Dto. - P 1050 Lisboa  
Telefone 799 99 50 Fax 799 99 79  
e-mail: cosmos@liv-arcoiris.pt

Difusão: Livraria Arco-Íris  
Av. Júlio Dinis, 6-A - P 1050 Lisboa  
Telefone 799 99 50 Fax 799 99 79  
homepage: www.liv-arcoiris.pt  
e-mail: livraria@liv-arcoiris.pt

## «Força pela Alegria». O mito da Ilha da Madeira na versão nacional-socialista

Martina Emonts  
Universidade da Madeira

### 1. O objecto e os objectivos.

Muitas estantes de livrarias e bibliotecas já foram enchidas com possíveis explicações para o fenómeno de adesão de massas ao Nacional-Socialismo. Nenhum dos modelos teóricos será objecto de discussão desta comunicação. Este trabalho sobre a literatura de viagens-KDF (*Kraft durch Freude* – Força pela Alegria) pretende ser um documento do poder da sedução sobre o Homem e, ao mesmo tempo, do uso de estratégias simplistas de propaganda em literatura. Também se poderia dizer que se trata de um trabalho sobre o *Kitsch* e, neste caso concreto, sobre o *Kitsch* alemão.

Especificamente, este trabalho aborda o facto de como o sol da Madeira serviu de instrumento ideológico. Aborda a *viagem ideológica* à Madeira, em literatura<sup>1</sup>.

### 2. O que era a «Kraft durch Freude»?

Era uma organização nacional-socialista para a ocupação de tempos livres, um ramo do pseudo-sindicato DAF (*Deutsche Arbeitsfront*). Foi criada para substituir, a partir de 1933, os sindicatos uniformizados pela *Gleichschaltung*. Proporcionava um vasto leque de actividades lúdicas, desportivas, culturais e turísticas. Uma destas actividades era a realização de viagens marítimas. Neste contexto a Madeira pode ser considerada como o destino mais atraente e o impulsionador da promoção. A divulgação destas viagens foi enorme e contribuiu para que fossem conhecidas dentro e fora da Alemanha<sup>2</sup>.

Os trabalhadores «ganhavam» as viagens como recompensa por um comportamento exemplar, ou, eles próprios, poupavam para uma viagem através de cadernetas que completavam com selos. Também ex-membros e activistas dos

sindicatos dissolvidos foram convidados com o objectivo de reeducação, assim como «observadores» da oposição<sup>3</sup>.

### 3. *Os factos.*

As viagens marítimas da KDF à Madeira realizaram-se entre Março de 1935 e Março de 1939. A documentação mais completa que existe em forma de relato é a das viagens de Março de 1936, que tiveram 4000 passageiros a bordo de uma frota de quatro navios. No dia 7 de Março, Hitler tinha ocupado a Renânia, o que implicou a quebra do Tratado de Locarno de 1925. No dia 29 de Março, realizou-se na Alemanha o plebiscito (*Völkbefragung*). Para os viajantes KDF, as eleições decorreram a bordo. As viagens marítimas KDF devem também ser perspectivadas no contexto do convénio anglo-alemão sobre a construção naval de 18 de Junho de 1935, que permitia à marinha alemã um aumento da tonelagem, na proporção de 35 para 100 em relação à marinha britânica.

### 4. *Observação metodológica.*

Para a realização deste trabalho, baseei-me em quatro relatos de viagens, deixando de parte a problemática do género, pois há, nos relatos considerados, um desvio constante dos princípios que o constituem.

Limito-me, apesar de algumas alusões comparativistas, a um destes textos, que se pode considerar representativo da literatura de viagens KDF. Desta forma procuro salvaguardar a coesão da comunicação e a brevidade que é característica de uma síntese. Referirei, também, um romance que representou, inicialmente, o ponto de partida das minhas reflexões.

Explorei, ainda, alguma literatura passiva<sup>4</sup>. As obras teóricas sobre a KDF são escassas e seria importante a realização de uma tese sobre o tema. Recorri, também, a fontes existentes na Ilha da Madeira<sup>5</sup>.

### 5. *Em direcção ao sol.*

*Der Sonne entgegen!* (Em direcção ao sol) é o título do relato de Hans Biallas, que contém algumas características de romance e começa com uma referência a um panfleto do ano de 1904, que foi distribuído no dia 1 de Maio, Dia do

Trabalhador, pela SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha). Biallas pretende contradizê-lo num livro de quase 100 páginas.

O autor faz uma crítica severa à Social-Democracia, associando-a ao Marxismo, e critica-a pelo facto de inculcar no trabalhador alemão o ideal do «paraíso terrestre». «Ele [o Marxismo] aproveitou-se do desejo profundo do trabalhador alemão, que exigia a sua participação nas belezas da vida, para os seus projectos subversivos (*volksfeindlich*) – e traiu-o!»<sup>6</sup>.

O herói da obra é o trabalhador Fritz Oldenkamp, que traz, na sua viagem à Madeira, o panfleto já referido, que, como ficaremos a saber mais tarde, é uma herança do pai. Biallas transcreve uma passagem do panfleto: «Um dia, vós operários, podereis conduzir os vossos próprios carros, podereis fazer cruzeiros turísticos através dos mares nos vossos próprios navios, podereis escalar os Alpes e vaguear, embriagados de beleza, nas planícies do Sul e nas regiões tropicais [...] Então pergunto-vos: Quem vos possibilitará tal coisa? Ora, apenas nós, o futuro estado social-democrata!»<sup>7</sup>.

Fritz Oldenkamp, o nosso herói trabalhador, até este momento, só conhecia as viagens pelos «relatos de viagens e contos divertidos que requisitou da biblioteca do povo»<sup>8</sup>.

Desiludido com a República de Weimar, Fritz Oldenkamp «deitou no fogão a dúzia de livros que continham relatos de viagens de todos os países, que o seu pai tinha comprado, quando ele – um entre os milhões de compatriotas (*Volksgenossen*) – esfomeado e tremendo de frio no seu cubículo triste, já não suportava ouvir o choro do seu filho»<sup>9</sup>.

Os passageiros do navio *St. Louis* cantam entusiasmados «A Alemanha é bela! A Alemanha é magnífica – a Alemanha é a nossa pátria – e nós, nós viajamos em direcção ao sol!»<sup>10</sup>, assim como tinham cantado as canções sindicais usuais da República de Weimar: *Brüder, zur Sonne, zur Freiheit* (Irmãos, ao Sol, à Liberdade)<sup>11</sup>.

A frota KDF parte de Hamburgo com grande pompa. O Doutor Robert Ley, o *Reichsleiter* (director nacional) da DAF, faz um discurso empolgante. Desta vez ele não participará na viagem, porque está ocupado com a campanha eleitoral<sup>12</sup>. Biallas cita algumas partes do discurso: «Se vocês atravessarem o canal entre Londres e Calais», gritou o Dr. Ley aos passageiros [...] «então gritem com toda a força, gritem para que as potências de Locarno na conferência de Londres vos oiçam: Aqui viaja a *Kraft durch Freude*, aqui viaja o trabalhador alemão, aqui viaja a alegria pelo mundo fora!»<sup>13</sup>.

Ley não precisa de esconder nada: «Quando daí a poucos dias, quatro mil homens e mulheres, na altura de votar a bordo, derem o seu voto ao *Führer* e aos

seus colaboradores, isto significará mais do que uma promessa de fidelidade inquestionável. Será mais do que isso, será um juramento de nunca desistir até que o último companheiro de trabalho, se torne um entusiástico nacional-socialista»<sup>14</sup>.

A viagem iniciou-se a 15 de Março e, nos dias 23 e 24, os passageiros estão na Madeira. No dia 29 do mesmo mês, como já referi, decorrerá o plebiscito na Alemanha. Eis o enquadramento histórico desta viagem à Madeira. A mensagem que se pretende transmitir aos viajantes é, portanto, de uma notável clareza.

Durante a viagem, o *St. Louis* cruza-se com o navio de guerra *Köln*, que se apresenta aos viajantes como «imagem de rapidez e forte defesa»<sup>15</sup>.

A bordo desaparecem – segundo Biallas – as diferenças sociais<sup>16</sup>. «Temos de admitir que houve aqui realmente aquela igualdade, que nós socialistas sempre esperamos»<sup>17</sup>, é esta a afirmação de um dos participantes nas acções da KDF.

O facto de muitos representantes das camadas sociais mais elevadas terem participado na viagem justifica-se com o argumento de que a viagem deveria ser «um reflexo da comunidade nacional (*Völksgemeinschaft*) real»<sup>18</sup>. Participam nesta viagem alguns «cépticos» que, segundo Biallas, mudaram de ideias logo no primeiro dia<sup>19</sup>. Pois, promove-se o sentimento de companheirismo (*Gemeinschaftsgefühl*), em vez da consciência de classe.

## 6. Paisagens.

As paisagens vistas do Canal da Mancha, ou seja, as costas entre Calais e Dover, servem como motivo de reflexão política. Fritz Oldenkamp, numa atitude de obediência, lembra-se das palavras de Ley. Num diálogo entre Fritz e um outro passageiro, Biallas expõe, mais uma vez, o desejo de paz do povo alemão. A «Frota da Paz» – é esta a designação para os quatro navios KDF, que se repete como palavra-chave de cariz político e *Leitmotiv* ao longo deste e de outros relatos de viagem. Nas conversas a bordo durante a travessia para a Madeira, manifestações de arrogância alternam com «*topoi* tipicamente turísticos». «O último dia antes da chegada a Lisboa começa com um sol radioso. Agora estamos mesmo a caminhar em direcção ao sol!»<sup>20</sup>, frase essa que vem concretizar o desejo de chegar ao Sul.

A recepção preparada para a chegada da frota a Lisboa parece um tanto ou quanto encenada, tal como a partida de Hamburgo. Os compatriotas (*Völksgenossen*) da colónia alemã (*Deutsche Kolonie*) saudam os navios com bandeiras suásticas e Biallas observa que as «gaivotas portuguesas assemelham-se tal e qual às do rio Elba»<sup>21</sup>.

Há uma simetria de encenação descrita por Biallas quando surgem no porto de Lisboa os submarinos portugueses, que, por seu lado, representam um «símbolo do desejo de defesa de um povo, que se uniu pelo pulso de ferro de um ditador»<sup>22</sup>. Fala-se, neste contexto, do «respeito pelos feitos e pela tradição de um outro povo»<sup>23</sup>. Sobre a vista panorâmica de Lisboa afirma apenas isso: «Sobranceiro à cidade, ergue-se o edifício da embaixada alemã. Duas enormes bandeiras suásticas ondulam lá no alto»<sup>24</sup> – frase que representa apenas mais um dos exemplos de uma percepção de paisagem ideologicamente condicionada.

### 7. Interculturalidade.

Um motivo que se repete ao longo do texto é o tema *Volk kommt zu Volk* (Povo encontra Povo)<sup>25</sup>. Verificaremos, de seguida, como este encontro é descrito no relato de Hans Biallas.

A referência à metrópole portuguesa começa com a observação de que «os trabalhadores portugueses e também a inteligência não conseguem acreditar» que «estes homens de ar limpo e saudável sejam trabalhadores alemães»<sup>26</sup>. Só os calos das mãos o conseguem provar.

Aparecem os primeiros sinais de percepção do exótico do relato: «Desde o castanho claro até à pele branca com cabelos louros e olhos azuis, existem todas as tonalidades de cor até ao negro do preto (sic!)»<sup>27</sup>.

Otto Paust, coordenador de uma espécie de antologia de viagens KDF<sup>28</sup>, ao descrever os Portugueses com olhos azuis e cabelos louros, chama-lhes «filhos dos Godos». Pressupõe que eles são oriundos do Porto e «que vivem em casas de outro estilo»<sup>29</sup>, que são, na sua opinião, tipicamente nórdicas.

Noutra passagem exclama: «Que visão saudosista! – Irmãos dos nossos antepassados que aqui chegaram há mil e quinhentos anos e cujo sangue não se perdeu nas raças deste país! O olhar e a postura do jovem pescador ainda se relacionam com o homem do Norte; mas o irmão casou com uma mulata lisboeta e os seus filhos olham para ti, de uma forma estranha»<sup>30</sup>. Aqui, o interesse do viajante por um outro povo tem que ser considerado corrompido pela visão racista.

Vêm-se mulheres que carregam cestos em cima da cabeça. Estas mulheres são apresentadas como algo exótico, quer em Lisboa, quer mais tarde na Madeira. As suas ancas, facto que não é só referido por Biallas, têm um movimento sedutor<sup>31</sup>.

As observações acerca do estilo de condução dos Portugueses, ainda hoje um *topos* tipicamente turístico de guias turísticos actuais, seguem uma constatação

benevolente sobre a brutal supressão do Marxismo e sobre a satisfação do povo português com o regime salazarista.

Pouco comum para os olhos alemães é o facto de que os cafés e os restaurantes de Lisboa sejam frequentados exclusivamente por homens. Na Praça do Comércio, os passageiros passeiam-se com o traje típico da Baviera (os *Lederhosen*) causando espanto nos Portugueses. Por seu lado, os Alemães «comovem-se» com aquilo que vêem: «Mesmo assim, neste preciso momento, ao olhar para a beleza de um mundo estranho, a sua pátria longínqua parece-lhes ainda mais grandiosa em comparação com todas as outras coisas que o mundo pode oferecer»<sup>32</sup>. O estranho é aqui apontado como motivo de auto-afirmação e formação de identidade, neste caso, de cunho nacionalista.

Vários relatos de viagem KDF referem também os bairros de lata de Lisboa, com o objectivo de salientar os feitos do *Führer* em favor das classes desfavorecidas. No entanto, na Alemanha, não há comparação possível com a abundância e riqueza da flora portuguesa. A Avenida da Liberdade e a «Estufa» causam a seguinte reflexão: «Que povo é capaz de mostrar ao mais pobre dos seus irmãos os campos paradisíacos do mundo, da forma como a Alemanha de Adolf Hitler o faz! Mesmo aqui, debaixo do sol do Sul, debaixo das palmeiras e das árvores primaveris floridas, num clima ameno de um país hospitaleiro, arde, como nunca antes, o orgulho patriótico forte e inflamado nos seus corações»<sup>33</sup>.

Existem, também, semelhanças culturais: Fritz Oldenkamp consegue comprar, sem qualquer dificuldade, um colarinho novo e comer um bife – mas não aprecia a comida portuguesa. O que seria provavelmente apenas manteiga de alho, para Fritz tem um paladar rançoso. Mas o número mais recente da revista de propaganda nacional-socialista *Stürmer*, que um simpático português lhe coloca sobre a mesa, parece-lhe um pouco da sua terra<sup>34</sup>.

Um poeta alemão (cujo nome não é revelado) apresenta a sua obra na escola alemã em Lisboa. Nesta obra refere a transformação do trabalhador alemão: «Os olhos brilhantes que se fixavam, maravilhados, no seu rosto, mostravam-lhe que também no meio dos alemães que vivem no estrangeiro se mantém acesa a chama do espírito e do saber alemão»<sup>35</sup>.

A reacção da imprensa lisboeta à chegada dos alemães<sup>36</sup> é referida e, *en passant*, fala-se da ocupação da Renânia por Hitler (facto que, obviamente, tinha sido comentado em Lisboa). Biallas aproveita a ocasião para salientar novamente o papel dos navios KDF como «Frota de Paz».

Uma constante nas viagens à Madeira é o tocar dos hinos nacionais. Ao hino português é feita uma reverência à maneira nazi, com o braço elevado<sup>37</sup>.

8. *Em direcção ao sol da Madeira.*

Para desviar as atenções dos incómodos da viagem, Biallas descreve a paisagem marítima observada durante a travessia para a Madeira, realçando a grandiosidade do mar revolto e o heroísmo do trabalhador debruçado sobre a amurada do navio. Na tradição da literatura de viagens marítimas do período guilhermino<sup>38</sup>, o mar surge como metáfora da vida e da guerra. Biallas considera a acalmia do mar como um «armistício»<sup>39</sup>. Otto Paust chega mesmo a falar dos «Vikings da KDF».

Depois de uma semana de viagem, os passageiros chegam ao seu destino, ou seja, à Madeira, onde apenas permanecem dois dias. No entanto são o encanto, o mito ou a «cristalização de um ideal islenho»<sup>40</sup>, que conseguem seduzir o trabalhador alemão.

Apesar de ainda estarmos na Europa e de se tratar de uma pequena ilha, lemos logo no início do capítulo sobre a Madeira: «Um continente desconhecido abre-se para nós»<sup>41</sup>. O adjectivo *paradisiaco* não falta na descrição. Os rostos dos Madeirenses são descritos como «castanho-escuros». Os jovens mergulham à procura das moedas atiradas pelos viajantes KDF. Os habitantes da ilha mostram-se habituados aos turistas. A vivacidade do quotidiano das regiões do Sul é evocada. Otto Paust utiliza o termo «indígenas» (*Eingeborene*) para designar os Madeirenses<sup>42</sup>.

Os carros de bois constituem uma atracção para os Alemães e todos têm um bilhete no bolso para viajar no comboio até ao Monte. Toma-se banho no Lido. Em termos de exactidão geográfica o texto de Biallas deixa a desejar<sup>43</sup>.

O relato descreve as paisagens como sendo de um romantismo selvagem (*wild-romantisch*). Louva-se a limpeza da Madeira e, mais uma vez, é notada a condução ousada dos automotoristas. Contudo, a Madeira dá «a imagem de um grande jardim bem cuidado»<sup>44</sup>.

Os ingleses ricos, radicados na Madeira, têm que se contentar com o facto de serem denominados «consumidores de reformas». Na antologia de Paust lemos: «Perto do famoso Hotel Reid encontramos uma Miss inglesa, que defendia o tratado de não-agressão entre a Alemanha e a Inglaterra que deveria vigorar durante um período de 25 anos. Ela deu três vivas à Alemanha e nós três vivas à Inglaterra»<sup>45</sup>.

Os viajantes vão às compras e recebem um pequeno papel escrito em alemão, no qual são avisados para o facto de não deverem beber o vinho da Madeira para matar a sede<sup>46</sup>.

A descrição de cunho turístico de Biallas culmina com a frase: «Vive-se bem na Madeira»<sup>47</sup>.

O clímax do relato é a cena da despedida da Madeira, na qual Fritz Oldenkamp desempenha um papel importante. Num *Kitsch* quase intraduzível, o autor descreve um quadro comovente, ou seja, o seu próprio ideário. Oldenkamp, encostado à amurada do navio, olha para as estrelas «que aqui mostram uma imagem que não é a mesma da sua pátria. Neste momento, ele é invadido por uma saudade infinita, ao mesmo tempo que desabrocha um amor profundo pela sua pátria. Alemanha, Alemanha, acima de tudo no mundo – é este o seu pensamento e, é este o seu juramento, o juramento do trabalhador alemão Oldenkamp. E é este juramento que determinará as suas acções futuras»<sup>48</sup>. E o que é que ele faz?

No momento da despedida da Madeira, Oldenkamp recorda-se do panfleto do 1.º de Maio da Social-Democracia (referido no início e que serviu de ponto de partida para o relato de Biallas), e que «tinha feito do seu pai um marxista»<sup>49</sup>.

Inicialmente, ele tinha planeado queimá-lo «publicamente com a participação de todos os camaradas – usando um fósforo português»<sup>50</sup>. Mas Oldenkamp mudou de ideias e resolveu rasgá-lo em pequenos pedaços que «deixa voar lentamente para o mar da mão que se abre lentamente»<sup>51</sup> e, «enquanto contempla os pedaços de papel que se tornam cada vez mais pequenos, apercebe-se de todo o sublime significado desta acção [...]. No firmamento alemão nasce uma nova fé [...]. Através dele próprio, Oldenkamp, o Marxismo teve um funeral de primeira classe»<sup>52</sup>.

A descrição do regresso é tragicómica. Como forma de afastar a monotonia e o enjoo, os viajantes desta *viagem ideológica* distraem-se com jogos infantis, com jogos de cartas, com a audição dos discursos do *Führer*, com a leitura de panfletos eleitorais e com as eleições que decorrem a bordo.

Em Lisboa, um mineiro das minas de carvão da região do rio Ruhr salta assustado da cama quando, ao chegar ao porto, ouviu o apito da locomotiva, porque pensou «que se tratava da sirene da fábrica que o chamava para o trabalho»<sup>53</sup>.

#### 9. Algumas conclusões provisórias.

1) Uma reflexão antropológica de viagem, que defende que as viagens modificam a «noção espacial» ao mesmo tempo que «despertam ou reforçam a consciência da relatividade social e a consciência da transformação histórica»<sup>54</sup>, coloca os autores dos relatos em causa num dilema. São obrigados a desviar-se da referida modificação da noção espacial em direcção a uma mentalidade de conquista, sem poderem exagerar a percepção da relatividade social, uma vez que a vontade de paz do povo alemão não pode ir longe de mais. As consequências

deste dilema são aquelas formulações paradoxais, aqui por mim referidas, ou seja, as afirmações de arrogância nacional e a repetição estereotipada de que o confronto com o estrangeiro faz intensificar o sentimento de saudade e glorificação pela pátria.

2) Considero de algum interesse referir os títulos dos textos em causa: *Der Sonne entgegen* (*Em Direcção ao Sol*), (relato com elementos de romance); *KDF, das große Urlauberschiff* (*KDF, o Grande Navio de Férias*), (relato semelhante a uma antologia com elementos de montagem); *Volk zu Schiff* (*Povo a Bordo*), (relato com elementos de romance); *Nach den Glücklichen Inseln* (*Em direcção às Ilhas Afortunadas*), (relato turístico, encomendado pela KDF); *Glück auf Madeira* (*Felicidade na Madeira*), (romance policial)<sup>55</sup>.

Cada um destes títulos foca uma perspectiva diferente do relato da viagem ideológica KDF.

3) O romance policial *Glück auf Madeira* poderia servir como um exemplo da funcionalidade muito mais subtil do romance ligeiro em prol de uma ideologia. O romance foi editado em 1934, antes das viagens KDF realizadas à Madeira, mas, apesar disso, pertence ao âmbito da literatura de viagens ao serviço da KDF. O capítulo sobre uma história de amor que se desenrola na Madeira parece ter sido introduzido de propósito e provavelmente numa fase posterior da redacção, bem como algumas observações de cunho populista e racista. Este tipo de literatura ligeira dos anos 20 e 30, produzida na Alemanha e em outros países, ou seja, os romances produzidos na fase de instauração dos fascismos europeus, merecem uma pesquisa aprofundada.

4) Os valores evocados nos relatos são a igualdade e a fraternidade, apresentadas na óptica do sentimento de companheirismo e não da solidariedade. É notável a falta do conceito de liberdade. Promove-se também o valor simbólico do sol, concretizado pelo sol da Madeira. Explora-se a tradição da saudade do Homem nórdico pelo Sul, alimentando a procura da *Utopia*, actualizada nos relatos referidos pela Ilha da Madeira, que já foi designada como «cristalização do imaginário islenho»<sup>56</sup>. Ou seja, condena-se a utopia marxista e oferece-se a Madeira como *utopia geográfica*.

5) Falta a exploração dos seguintes aspectos:

- todo o inventário dos «topoi tipicamente turísticos» sob outros aspectos.
- as histórias de amor e o erotismo presentes nestes relatos.
- o desprezo pela cultura elevada visível nos textos.
- passagens de discurso meramente político.
- as continuidades e descontinuidades do imaginário e do ideário alemão numa perspectiva histórica mais alargada, que mostram em que medida as estru-

turas mentais submersas podem ser consideradas as responsáveis por fenómenos políticos.

#### 10. *Uma nota pessoal.*

O que falta nesta comunicação é, sobretudo, a perspectiva do olhar madeirense sobre os «Vikings KDF» pela imprensa de então e a respectiva refração literária – um desafio que deixo para os meus colegas, os meus alunos, ou, quem sabe, para mim própria.

Eu, que até agora não regresssei à Alemanha depois da minha viagem à Madeira, desejo a todos os meus colegas, que vieram de longe para participar neste colóquio, uma Boa Viagem de regresso e um fecundo trabalho futuro.

<sup>1</sup> Tomo a liberdade de introduzir este conceito.

<sup>2</sup> Recordo-me de um comentário feito por um amigo meu, nascido nos anos 30, quando lhe disse, em 1985, que ia viajar até Madeira: «Como? – Ainda se vai à Madeira?».

<sup>3</sup> Alguns dos relatos referidos nesta comunicação aludem aos viajantes «espiões».

<sup>4</sup> A literatura passiva utilizada (vd. bibliografia) foi facultada por Matthias Saecker, Solingen, sem cuja ajuda não poderia ter efectuado este trabalho.

<sup>5</sup> Aproveito a ocasião para agradecer à cónsul honorária da Alemanha na Madeira, Senhora Elisabeth Gesche, o facto de facultar o acesso aos livros de honra dos anos 30, para além de me conceder uma entrevista. Quero agradecer, também, a colaboração dos meus alunos, que me ajudaram na tradução de todos os textos em alemão para o português. Responsabilizo-me pelas traduções apresentadas neste trabalho.

<sup>6</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*, Freiheitsverlag G.m.b.H., Berlim, 1936, p. 9.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>8</sup> *Ibid.*; um dos livros que Oldenkamp talvez tivesse lido poderia ser o romance *Glück auf Madeira (Felicidade na Madeira)*, de Hedda Lindner, editado em 1934, portanto, antes da primeira viagem marítima KDF à Madeira: Hedda Lindner (pseudónimo de Martina Koldewey), *Glück auf Madeira*, Verlag Ullstein, Berlim, 1934.

<sup>9</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 9.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>11</sup> Esta canção foi escrita por Leonid P. Radin, em 1897, na prisão de Moscovo; vd. *Liederbuch 1*, Bund-Verlag G.m.b.H., Colónia, 1990, n.º 53.

<sup>12</sup> Tive a oportunidade de verificar no livro de honra da cónsul honorária da Alemanha na Madeira que, em 1935, ele tinha estado na ilha.

<sup>13</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 15.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 20.

- <sup>16</sup> Os empresários a bordo oferecem presentes aos trabalhadores e concedem «entrevistas», nas quais os trabalhadores expõem os seus problemas; vd. *Deutschland-Berichte der Sozialdemokratischen Partei Deutschlands (Sopade)*, in Behnken, Klaus, *Archiv der sozialen Demokratie*, Friedrich Ebert Stiftung, Bona, Verlag Petra Nettelbeck, Salzhausen, 1980, p. 848.
- <sup>17</sup> *Ibid.*
- <sup>18</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen* cit., p. 21.
- <sup>19</sup> Vd. *ibid.*, p. 22.
- <sup>20</sup> *Ibid.*, p. 27.
- <sup>21</sup> *Ibid.*, p. 30.
- <sup>22</sup> *Ibid.* Não é referido explicitamente Salazar. O General Carmona é um dos poucos nomes mencionados neste texto.
- <sup>23</sup> *Ibid.*, p. 31.
- <sup>24</sup> *Ibid.*
- <sup>25</sup> *Ibid.*
- <sup>26</sup> *Ibid.*, p. 33.
- <sup>27</sup> *Ibid.*
- <sup>28</sup> Otto Paust, *KDF – Das große Urlauberschiff*, Wilhelm Limpert-Verlag, Berlim-Dresden, 1936.
- <sup>29</sup> *Ibid.*, p. 49.
- <sup>30</sup> *Ibid.*, p. 54.
- <sup>31</sup> Pode-se falar de um imaginário marcado por um inventário orientalizante e exótico; quero lembrar o conceito de *soft pulp* introduzido por Anthony Disney neste colóquio.
- <sup>32</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 36.
- <sup>33</sup> *Ibid.*, p. 38.
- <sup>34</sup> *Ibid.*, p. 40.
- <sup>35</sup> *Ibid.*, p. 44.
- <sup>36</sup> Uma leitura dos respectivos artigos da imprensa poderia constituir um campo fértil para investigações adicionais.
- <sup>37</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 46.
- <sup>38</sup> Vd. os romances de Gorch Fock e outros.
- <sup>39</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 49.
- <sup>40</sup> Este conceito foi introduzido por Victor Jabouille; vd. Victor Jabouille, «Madeira ou a cristalização de um imaginário islenho», in *Islenha*, n.º 7, Julho-Dezembro de 1990, pp. 5-14.
- <sup>41</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 50.
- <sup>42</sup> Otto Paust, *KDF – Das große Urlauberschiff* cit., p. 50.
- <sup>43</sup> Por exemplo diz-se que o Porto Santo fica apenas a 20 milhas da Madeira; Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 55.
- <sup>44</sup> *Ibid.*, p. 54.
- <sup>45</sup> Otto Paust, *KDF – Das große Urlauberschiff* cit., p. 70.
- <sup>46</sup> O aviso teve a sua razão. Segundo Timothy Mason, o povo gozou com a «Força pela Alegria» e dizia que o excesso de *alegria* [de álcool] acabou com a *força*; Vd. Timothy W. Mason, *Sozialpolitik im Dritten Reich. Arbeiterklasse und Volksgemeinschaft*, Westdeutscher Verlag, Opladen, 1978, p. 185.
- <sup>47</sup> Hans Biallas, *Der Sonne entgegen!* cit., p. 55.
- <sup>48</sup> *Ibid.*, pp. 56 segs.
- <sup>49</sup> *Ibid.*, p. 57.
- <sup>50</sup> *Ibid.*
- <sup>51</sup> *Ibid.*
- <sup>52</sup> *Ibid.*

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>54</sup> Ralph-Rainer Wuthenow, «Autobiographien und Memoiren, Tagebücher, Reiseberichte», in *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte*, editado por Horst Albert Glaser, vol. 4, Rowohlt, Hamburgo, 1986, p. 167.

<sup>55</sup> Vd. bibliografia.

<sup>56</sup> Vd. nota 40.

#### Literatura de viagens KDF

Biallas, Hans, *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*, Freiheitsverlag G.m.b.H., Berlin, 1936.

Busch, Karl, *Nach den «Glücklichen Inseln», Mit KDF – Flaggschiff «Robert Ley» nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa*, Mit einem Geleitwort von Dr. Bodo Lafferentz, Reichsamtseiter der NSG. «Kraft durch Freude», Zeitgeschichte-Verlag, Berlin, 1940.

Heil de Brentani, Mario, *Atlanta und die Siebenhundert, Novelle um eine Urlaubers-Fahrt nach Madeira*, Verlag E. Wernitz, Berlin, 1936 (= Die bunten Novellen 2).

Kahl, Werner, *Viagens do operário alemão*, Serviço Alemão de Informações, Achilles & Schwulera, Berlin, 1941 (= A Alemanha de hoje n.º 4).

Lindner, Hedda (Pseudónimo de Martina Koldewey), *Glück auf Madeira*, Verlag Ullstein, Berlin, 1934.

Paust, Otto, *KDF – Das große Urlauberschiff*, Wilhelm Limpert-Verlag, Berlin-Dresden, 1936.

Schaffner, Jakob, *Volk zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der KDF – Hochseeflotte*, Hamburgo, 1936.

#### Literatura passiva

Behnken, Klaus, *Archiv der sozialen Demokratie*, Friedrich Ebert Stiftung, Bona, Verlag Petra Nettelbeck, Salzhausen, 1980.

Buchholz, Wolfhard, *Die nationalsozialistische Gemeinschaft «Kraft durch Freude». Freizeitgestaltung und Arbeiterschaft im Dritten Reich*, Phil. Diss., Munique, 1976.

*Deutsche Sozialgeschichte 1914-1945. Ein historisches Lesebuch*, editado por Werner Abelshauser, Anselm Faust e Dietmar Petzina, Verlag CH Beck, Munique, 1985.

*Fünf Jahre «Kraft durch Freude», Leistungsbericht der NS. – Gemeinschaft «Kraft durch Freude» zum 27. November 1938.*

Jabouille, Victor, «Madeira ou a cristalização de um imaginário islenho», in *Islenha*, n.º 7, Julho-Dezembro de 1990, pp. 5-14.

*Liederbuch 1*, Bund-Verlag G.m.b.H., Colónia, 1990.

Mason, Timothy W., *Sozialpolitik im Dritten Reich. Arbeiterklasse und Volksgemeinschaft*, Westdeutscher Verlag, Opladen, 1978.

Spode, Hasso, «Der deutsche Arbeiter reist, Massentourismus im Dritten Reich», in *Sozialgeschichte der Freizeit*, Gerhard Huck (ed.), Hammer Verlag, Wuppertal, 1980.

Wuthenow, Ralph-Rainer, «Autobiographien und Memoiren, Tagebücher, Reiseberichte», in *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte*, Horst Albert Glaser (ed.), vol. 4, Rowohlt, Hamburgo, 1986.